



## Panaceias que desmotivam a definitiva libertação

**Q**UANDO, há ano e meio, regresssei de África, vinha enjoado de projectos patrocinados por Altas Entidades e desenganado dos auxílios humanitários que a parte próspera do mundo parece oferecer aos concidadãos do mundo «terceiro». E, sobretudo, vinha preocupado com a anestesia que esses auxílios representam pelo risco de habituação a uma panaceia imediata que entretém a fome mas não motiva a definitiva libertação dela — o que só pelo trabalho organizado de todos e de cada um é possível.

O espanto que provoca o crescimento da Obra em Maputo, a partir de recursos materiais modestos, talvez muitos não lhe descubram a explicação. E ela está toda, e só, na presença consagrada (quer dizer: sem qualquer outra intenção que não seja a promoção e o bem daqueles a quem se consagram) de um padre e de uma irmã e seus colaboradores, que, no terreno, ao lado dos que servem, são a fonte de todo aquele dinamismo e a antena que vai captando as energias necessárias ao desenvolver do processo que tomaram nas suas mãos. É o seu trabalho, a sua devoção, a causa motriz de toda aquela vida que se vê pujante e enche de admiração e de alegria quem a vê.

É assim em toda a Obra da Rua. O segredo do seu êxito está todo naquela fórmula que Pai Américo nos deixou: «Obra de..., para..., por...». *Se para rapazes, pelos rapazes. Se para doentes, pelos doentes. Se para um povo carecido de tudo, por esse mesmo povo, que há-de aprender a granjear e a subsistir por si. Só deste modo o que é para cada um, será verdadeiramente dele. Auxílios, quanto basta, e estes apenas para o arranque ou para suprimento do que o trabalho próprio não alcança. Mas é este trabalho que os gera e faz legítimos; fora disto seria parasitismo.*

A dignidade do Homem, que Pai Américo tanto prezava e queria respeitada, passa por aqui. Todos devem comer o pão com o suor do seu rosto. Tal não dispensa a solidariedade devida entre os homens. Só que a solidariedade não significa que uns se substituam aos outros; que se divida a Humanidade em activos e passivos. Os que, por desgraça de muitas espécies, caíram neste estado, devem ser ajudados por aqueles a levantarem-se e a retomar a actividade. É o sentido da

Continua na página 3

## MOÇAMBIQUE

# À maneira de justificação

**É** raro um domingo tranquilo em nossa Casa. Quando a gente se propõe escrever para O GAIATO, fica a meio e nunca mais. Esquece. São as visitas. Os nossos rapazes ainda não sabem dar conta do recado, embora tentemos que alguns o façam. Hoje, dentre várias, foi uma senhora francesa e um jovem moçambicano a trabalhar na chamada «Escola da Rua» que um holandês com formação em Direito Internacional, veio estabelecer em Maputo. Juntam um grupo de meninos de rua, ensinam a ler e escrever, dando-lhes uma refeição. Agora, num estágio mais adiantado, têm casa própria num bairro suburbano.

Ainda não tinha acabado de falar com eles, chegaram três padres do Seminário Maior interdiocesano que, pela primeira vez, subiram a nossa montanha a ver as obras da Aldeia e inteirar-se de tudo.

### Cartas, visitas e generosidade

Sentimos satisfação em receber os visitantes, mas fica-nos o vazio de

deveres não cumpridos, como seja o de escrever para O GAIATO; dar satisfação às cartas que recebemos e outras que por obrigação deveríamos fazer. A semana, torna-se impossível pelo que há de indispensável à boa ordenação do trabalho do dia-a-dia. O que só conseguimos depois das nove, com os rapazes a repousar. E o nosso dia começa às cinco da manhã — às quatro e meia para alguém de casa que pela noite nem sossega se ouve alguém a tossir ou está com paludismo.

Tudo isto vem à maneira de justificação para o não escrever. E sobretudo o não dar contas de quantas generosidades chegam até nós. Através das Casas do Gaiato de Portugal e sobretudo de Paço de Sousa, e mesmo pelo correio, se não é desviado; até mesmo de alguém daí de passagem por cá, nos tem chegado quanto basta para o sustento desta Casa, a passar já dos cem rapazes. Até mesmo para colmatar necessidades importantes, no andamento das obras onde tivemos grande precalço para conseguir chegar ao fim desta fase.

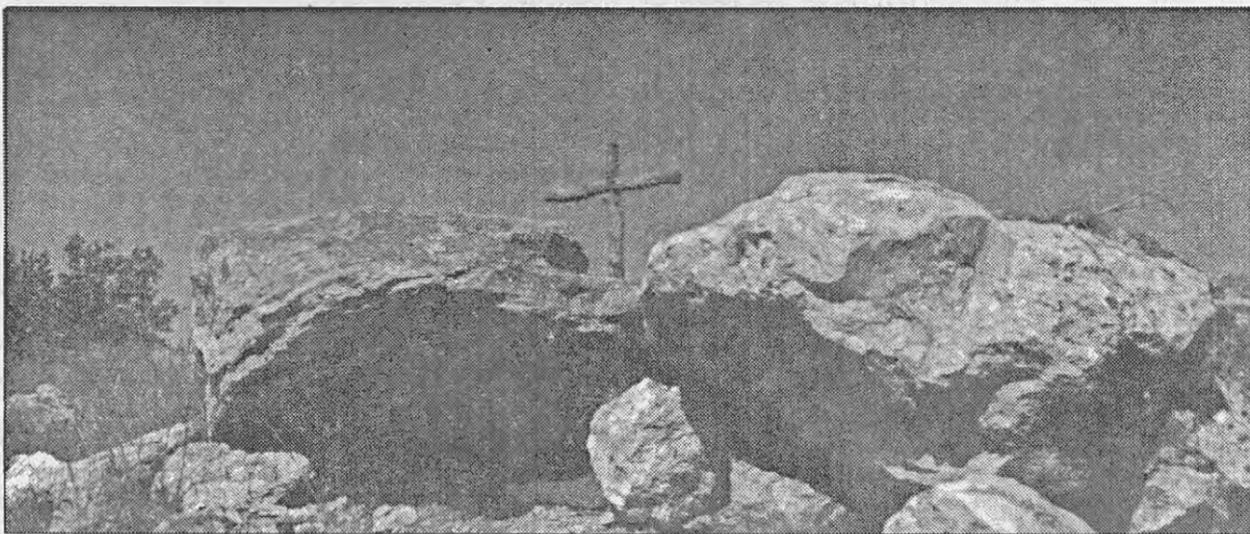
### As ajudas constituem um apoio pedagógico na formação dos rapazes

Embora muito ausente das páginas d'O GAIATO, essa ajuda maravilhosa constitui até um apoio pedagógico na formação dos rapazes. Frequentemente é lembrada para incutir neles, antes de mais, que é sinal de amor de Deus, que é Providente e faz chegar até eles a saborosa comida de cada dia, através de Amigos que não conhecem, mas são conhecidos d'Ele.

Depois pela necessidade de criar, também neles, o sentido da justiça, rezando por eles e cuidando de usar calçado, roupa e livros sem estragar. Aproveitando bem a oportunidade, rara para as actuais crianças de Moçambique, de estudarem com afinco e se prepararem para o amanhã deste país — que não vai ser fácil.

Já fez quatro anos que chegámos. E como se o não fizéssemos tantas

Continua na página 4



Cruz sobre a rocha

## PROCESSO DE GLORIFICAÇÃO CANÓNICA DE PAI AMÉRICO

**O** correio trouxe hoje carta do Alentejo, de um sacerdote amigo que não perde ocasião de «se gloriar» do Assinante n.º 2 d'O GAIATO que é, dizendo da sua união conosco *quotidie* e pedindo pagelas com oração implorativa da Beatificação de Pai Américo.

Iguais pedidos têm aparecido, mas este é qualificado e tem sabor de sugestão de que será chegada a hora de os nossos prelos darem à luz uma tal publicação — singela, a condizer com a simplicidade do Servo de Deus de quem ou para quem (nem sei a preposição mais adequada) se quer rogar.

Nunca apressados neste Processo, a não ser no trabalho preparatório agora encerrado de reunir teste-

### Uma sugestão

munhos que amanhã já não seriam possíveis (e tantos que já não foram!), sempre preferimos não nos adiantarmos à presença activa da Igreja.

Mas agora que, depois do *Nihil obstat* da Santa Sé, foi encetado e concluído o Processo Diocesano, já entregue na Nunciatura Apostólica a fim de seguir para Roma onde será aberto na presença do novo Postulador e iniciado o seu estudo em ordem à decisão final — agora não é atrevimento respondermos ao desejo de muitos, pondo em suas mãos uma prece que, entretanto, cada um

já pode ir rezando — e faz muito bem — conforme à sua inspiração.

E até porque nem é singularidade na Família aberta que somos, a Voz do Povo empenhar-se e dar nome a iniciativas da Obra (por exemplo o Património dos Pobres) porque não esperarmos dessa Voz propostas para a oração, que seleccionaríamos e sujeitaríamos à aprovação do nosso Bispo?

Quantas orações lindas e substanciais a *Correspondência dos Leitores* nos não tem oferecido, algumas publicadas, outras guardadas para nossa meditação! Porque não esta oração?!

Padre Carlos

## Conferência de Paço de Sousa

**O FOGO CREPITA** — O dia e hora não seriam favoráveis para quem trabalha longe, mas tudo se compôs e avançamos rumo a terras de Sobre-Tâmega. (Viagem acidentada, mas rica de belezas naturais, pela abundância de granito e festival de vinhas do Verde — como o Porto únicos no Mundo — cuja riqueza precisa dar-se a conhecer... mais e mais na estranha para sobrevivência da espécie e dos agricultores.)

Quando chegámos, na igreja paroquial prosseguia a assembleia de recoveiros dos Pobres de toda esta Região. Igreja dos Pobres! Sem festa nem fogo de artifício, os vicentinos tinham já manifestado o seu Compromisso solene.

Estava o pároco. Pressuroso. Visivelmente satisfeito. Também, os quadros do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo que ratificaram o acto de posse dos responsáveis da nova Conferência Vicentina.

No decorrer da cerimónia houve intervenções sobre problemas candentes dos mais necessitados, sobre o *evangelho* dos Pobres. Reconhecemos como é preciso haver mais quem dê a mão — para sermos Igreja de Cristo. Enfim, pelo seu carisma, Pai Américo decerto expressaria ali grande alegria por haver outra paróquia com pequenino núcleo de apoio aos mais carecidos: doentes, idosos, mães solteiras, alcoólicos (...), indigentes — excluídos. «Cada freguesia cuide dos seus Pobres.» Enfim, «pela aragem que vai na carruagem», é de crer que proximamente tenhamos, por terras do Vale do Sousa, outras comunidades acordadas para melhor servirem os Pobres. O Fogo crepita...!

**PARTILHA** — O costume, do assinante 42971, de Ovar, sublinhando: «Não precisas de agradecer». Óbolo «por intenções que Deus sabe» e mais ninguém precisa de saber.

«Avó dos cinco netinhos» chega com «a pequenina gota, deste mês, para a Conferência, do Santíssimo Nome de Jesus. O nosso Pai Américo faça descer milhões e milhões de gotas para os Pobres».

Um cheque da assinante 5025, de Coimbra, dividido por vários sectores, sendo dez mil para a nossa Conferência, acentuando: «Peço desculpa de vir só hoje cumprir o meu dever». Leva a partilha tão alto que faz dela «o meu dever» — como reza o Evangelho.

Outra vez presente o assinante 57002, da Senhora da Hora, com «pequeno contributo que distribuirão como melhor entenderem. É pouco, mas confio no Senhor para que a esta migalha se juntem outras, permitindo minorar as necessidades de tantos irmãos necessitados».

A «contribuição habitual» da assinante 31104, de Lisboa, afirmando que a sua ausência da Capital, «e a fraca saúde, levaram a uma remessa mais tardia do que deveria ser — e desejava». Amor aos Pobres!

«Dou graças a Deus pelo meu 81.º aniversário e peço que distribuíam como entenderem» — prenda da assinante 113, comungando com os nossos Pobres. Parabéns!

Barreiro: Mil escudos, do

# Pelas CASAS DO GAIATO

assinante 38004. Porto: Vinte, da assinante 13329. Mais dez, de Coimbra, assinante 20174, e «não agradeçam, pela conta bancária vejo que receberam».

Cardigos: avultada oferta, da assinante 17148, para se «empregar onde houver mais necessidade». Fica «muito grata por, deste modo, ajudarem no cumprimento de um dever que é o de fazer algum bem aos que precisam mais do que eu». Nos domínios da transcendência, um Caminho para o Céu!

Assinante 14493, do Porto: «A minha contribuição referente ao mês de Agosto. Tenham boas férias e possam restaurar as forças para o regresso ao trabalho». Obrigado.

Dez mil, em cheque, do assinante 9790, de Oliveira do Douro, perorando «uma oração ao Senhor por todos os nossos irmãos em guerra. Ele e Sua Mãe se compadeçam de todos nós. Que o ódio e a vingança dêem lugar ao perdão, à reconciliação e ao amor».

A assinante 48463, de S. João de Ver (Santa Maria da Feira), põe as contas d'O GAIATO em ordem e, sob anonimato, reserva uma parte para os nossos Pobres.

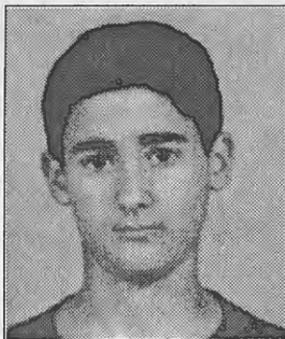
Presença amiga da assinante 3107, de Lisboa, partilhando por vários sectores. O assinante 11771, antigo companheiro de carteira na Escola Comercial de Mouzinho da Silveira, do Porto, qual *universidade das Taipas*, lembra a nossa Conferência com muita amizade. Mil escudos, entregues no Lar do Gaiato do Porto, num pequenino sobrescrito.

Arrancada do Vouga: um cheque, de 2.500\$00, da assinante 16490. «Quando puder — afirma — contribuirei com as migalhas possíveis».

Casal-assinante 11902, do Fundão: «A mensalidade de Agosto acrescida do subsídio de férias».

## Retalhos de vida

### O PESSOA



Sérgio Paulo Pessoa Nunes é o meu nome de Baptismo. Nasci em Lisboa, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira. Tenho agora 16 anos.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque

A oferta habitual de «uma portuense qualquer» — relativa ao mês de Julho. Tomámos boa nota do esclarecimento e, se não for maçada, tenba a bondade de enviar o donativo, por cheque, via CTT, directamente para Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**OBRAS** — Os trolhas estão agora, na casa 4 de baixo, a pintar janelas e pôr vidros. Mas a reparação do salão está quase a acabar.

**PRAIA** — Ainda por lá se encontra o terceiro turno, gozando férias maravilhosas. Mas, não tardam a regressar a casa.

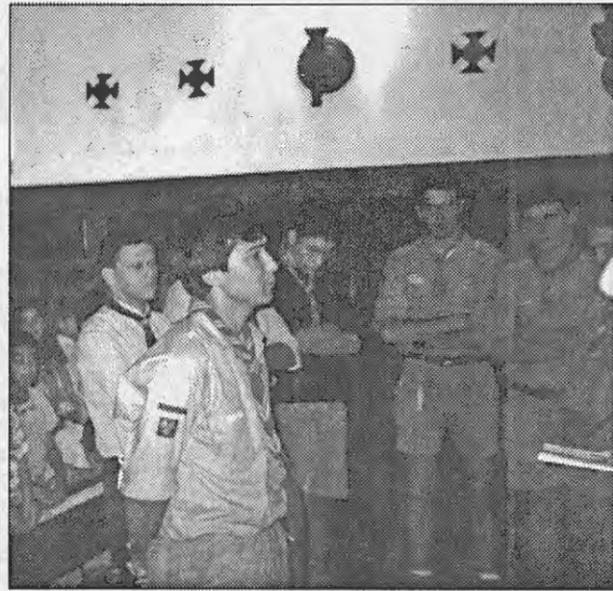
**CARAS NOVAS** — Vieram três irmãos, há poucos dias. Joaquim de 4 anos; Hugo, de 8 anos; e Vitor de 7 anos. A terra deles é Santana, perto da Maia.

**PISCINA** — Continuamos a tomar banho. Por volta das 6 horas vão todos em correria para a piscina. Em dias de calor todos querem que abra para se refrescarem.

**VISITA** — Há mais visitantes a oferecerem coisas para a nossa Casa.

Este fim-de-semana vieram muitos e deixaram muita coisa.

**ESCUTEIROS FRANCESES** — Recebemos um grupo de escuteiros franceses que acamparam em nossa quinta. No domingo, um deles,



Solene compromisso dum escuteiro luso-francês, na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

durante a Missa, fez o seu Compromisso de escuteiro.

Nós realizámos alguns jogos com eles e brincámos. Alguns dias depois, já falavam um pouco de português.

José Manuel «Pepino»

## MOÇAMBIQUE

**ESPERANÇA** — Diariamente aumenta em nós a esperança de brevemente estarmos em nossa Casa, já na fase de acabamentos. Participamos com gosto no trabalho que nos é orientado.

**HORTA** — É tempo de colher muita hortalíça. Este ano

temos a nossa câmara frigorífica e, assim, podemos guardar tomate, tronchuda, couve-flor, ervilha, beterraba para o consumo do ano. Também vamos colher muita batata e cebola.

**ESCOLA** — Cada dia está a ser levada mais a sério. Este ano um grupo de 32 rapazes prestarão exame no ensino oficial. Até Novembro estaremos bastante ocupados. Dez vão a exame da 7ª classe e vinte e dois da 5ª.

**BATATINHAS** — Os mais pequeninos gozam dos mimos de todos. Ao domingo saltam de colo em colo. Não aceitamos ficar no berçário o dia inteiro. O Lucas já anda e diz algumas palavras. O Emanuel só ri, mas está quase a andar. Agora, todos de boa saúde, mas deram muito trabalho!



Bruno, filho do Carlos Alberto, e o «Astronauta» acariciam os patos.

**ÉGUA** — Ofereceram uma égua muito mansa, mas só o ti Zé Alberto a sabe montar. Estamos a tratá-la, para perdermos o medo, na esperança de um dia sabermos cavalgar.

**VITELOS** — Alguns estão a nascer. Temos 36 cabeças, mas já nos morreram duas vacas e uma vitelha no parto.

**CABRITOS** — São tantos, que os pastores quando o nosso Padre José Maria perguntou quantos eram, não sabiam dizer. Nem deram conta que, neste domingo, apareceram mais dois. Agora passam de oitenta!

Luís Carlos

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — Cá vamos andando com as nossas obras. Está tudo quase pronto, mas o tempo é que não ajuda nada porque há muito calor e muito pó. Na zona onde era o quarto dos mais pequeninos foi demolida a parede que separava o quarto de banho. Daqui a um mês esperamos ter tudo prontinho para começarmos a obra nas escolas.

Procedemos à aplicação da calçada, junto ao muro novo do largo da entrada e do poço.

**AGRICULTURA** — O milho está bastante grande, a espiga naturalmente ainda verde. Já começaram a cortar a milharada.

**FÉRIAS** — O último grupo partiu para férias. Todos gostamos delas...!

**CARAS NOVAS** — Veio para a nossa Casa uma cara nova — o Carlos, de Vila de Rei.

**DESPORTO** — Com o calor que está não podemos praticar jogos cansativos. Mas, o nosso recreio, no fim de jantar, é sempre o futebol...

**GADO** — Temos uma vaca prenha, e esperamos que tenha bem o filho. De resto, o nosso gado está bom.

**VENDA** — A venda d'O GAIATO é o nosso pão de cada dia. Mas no mês passado houve um problema. Já está resolvido.

Rui «Pequeno»

## MALANJE

**OBRAS** — A recuperação da casa 3 está quase no fim. Em breve será habitada por 32 rapazes. Estamos ainda a viver na casa-mãe, casa 1 e casa 2 que já estão reparadas. Foi um trabalho de todos, lento e difícil por causa da falta de materiais — por causa da guerra.

Acabámos também de reparar os galinheiros e as coelheiras. Já temos lá galinhas, porcos e coelhos.

**AJUDAS** — Temos tido muita ajuda das nossas Casas do Gaiato de Portugal, das Embaixadas da Holanda, Alemanha e Portugal, e de muitas pessoas amigas. Obrigado a todos os que nos têm ajudado.

**OFICINAS** — Alguns rapazes mais velhos ainda

estão no começo e com algumas dificuldades.

#### AGRICULTURA

Apesar das dificuldades e do abandono, temos hortaliças e alguma fruta. Agora não temos sido roubados. Demos licença a muita gente das aldeias para trabalharem nas nossas baixas e já têm cebolas, tomate e couve.

#### TELEVISÃO

Não conseguimos ver os programas, por causa da distância da cidade. Se algum Amigo nos oferecer uma parabólica, ficaremos muito contentes.

#### VISITAS

A nossa Casa é muito visitada pela gente da cidade. No domingo veio o grupo de jovens do S. Coração de Jesus que fizeram um teatro muito divertido.

Nelo

## LAR DO PORTO

#### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Em 1952 Pai Américo escrevia no livro *O Barredo* que eram indispensáveis Conferências de S. Vicente de Paulo nas Casas do Gaiato. Elas são, sem dúvida alguma, o verdadeiro cristianismo. Cristo deu-se e morreu pela Humanidade; os confrades dão-se e vivem integralmente o primeiro Mandamento.

Dizia que as Conferências Vicentinas são elemento indispensável na nossa formação de verdadeiros cristãos; é assim mesmo. Porquê? Só quem é vicentino poderá responder, e quantas vezes inexplicavelmente, pelas lições que se aprendem no contacto directo com a miséria social a que nós já, infelizmente, pertencemos, e agora melhor a sabemos compreender.

Em 30/9/84 na companhia do nosso Padre Telmo e mais três casais gaiatos, metemos mão à obra e reativámos a chama da Conferência de S. Francisco de Assis, do Lar do Porto. Presentemente estamos cinco casais no activo. Como é regra geral, as obras de espírito evangélico principiam sem nada. Nada de material, apenas confiança na Providência.

Neste momento temos 18 famílias a nosso cargo. Todos os meses lhes damos apoio material. Esta caridade vai muito além da esmola, pois implica o contacto directo com os problemas que vivem os Pobres, não só na parte material, mas essencialmente a espiritual. Por vezes sentimo-nos desfalecidos para acudir a situações que se nos deparam porque algumas famílias não têm força para lutarem; sentem-se desmotivadas para a vida porque a sociedade em que estão inseridos é tão pobre que não lhes dá ânimo; sentem um vazio tão grande que o carinho que tentamos transmitir não basta. Eles precisam de muito mais e nem eles sabem como o obter. A nossa sociedade está muito fechada, muito egoísta; só pensa no seu bem-estar, os outros que se governem. Há muita burocracia. Os reformados queixam-se do dinheiro que gastam nos medicamentos. Por vezes levam a receita à farmácia e verificando

que têm de pagar tanto, desistem e não compram porque também têm com que se alimentar. Será que há algum apoio da Segurança Social, que nós desconhecemos, para estas situações!? Se alguém souber, agradecemos que nos informe.

O que escrevemos é um desabafo. Mas é a realidade que deparamos no dia-a-dia do nosso trabalho. Continuamos com muita fé porque sabemos que podemos contar com a vossa ajuda para minorar o sofrimento destas famílias.

Agora fazemos um apelo aos casais gaiatos que estão adormecidos. Acordem! Temos muitas famílias para ajudar. Não digam que não têm tempo, que nós também temos família e emprego, mas arranjam sempre tempo para dar a mão àqueles que precisam. Basta haver boa vontade, espírito cristão e muita amizade para darmos as mãos e mantermos a obra que Pai Américo sempre amou: ajudar os Pobres. Desta maneira todos nós, cristãos, se

desse nome formos dignos, praticaremos o verdadeiro cristianismo, sintetizado naquelas palavras do Mestre: «Tudo o que fizeres ao mais pequenino dos meus irmãos, a Mim mesmo o fazes».

#### CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

António, cheque de 20.000\$; Adelino, 20.000\$; Anónimo, 5.000\$; Assinante 9708, 10.000\$; Bernardette, 10.000\$; Assinante 8296, 2.000\$, com uma quadra muito bonita: «O amor reinaria na terra / Se os dirigentes do Mundo / Da boa paz e da cruel guerra / Lessem O GAIATO a fundo.» Marques, 10.000\$; Assinante 32000, 10.000\$; Anónimo, 20.000\$; Inácio, 20.000\$; Leite, 10.000\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato do Porto — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

Casal vicentino

## Super homens?!

Só existem nos desenhos animados  
E nos filmes de acção.  
Na vida real somos todos fracos  
Porque somos humanos,  
Porque temos coração,  
Porque odiamos e amamos.

Possuis roupas de seda,  
Cortinados de veludo,  
Carros que criam inveja  
E vivendas no campo e à beira-mar  
Mas... se te desfizerem de tudo  
Verás que és como eu:  
Flutuas no ar!

Bem vistas as coisas  
A vida são surpresas más e boas.  
Ontem eu estava em ascensão.  
Hoje estou em declínio.  
Agora estendo a minha trémula mão  
A um menino.  
E a vida continua  
Com sol e penumbra!

Manuel Amândio

## DOCTRINA



A Piedade não é piegas

«TIVE o meu filho na cama um ror de meses e fiquei sem nada, padre.» O qual filho se encontra actualmente na praia de Buarcos, a tomar banhos de sol, de mando do sr. Doutor: — *Ao menos quinze dias, rapaz, se puderes.* Até aqui chega a Medicina. O mais fá-lo a Caridade. Encontra-se comodamente instalado em um quarto fundeiro, aos cuidados de uma viúva tão pobre como a mãe dele; que para ajudar o Pobre ainda não apareceu ninguém mais capaz do que os Pobres. «*Sim, eu quero ir, mas só tenho esta camisa.*» E foi com essa que tinha. Outra se arranjou, mai-las muletas a que se encosta. E ando agora no meu giro, a estoirar de contente por não ter tempo de fazer praias e ter arranjado alguém que as faça nas minhas vezes! Leitor amigo, quadros de tal beleza não se topam nos caminhos; é preciso ir procurá-los nos lugares onde se encontram. Este, fui dar com ele num beco da Baixa, dentro de um pardieiro.

«EU nunca o fui procurar, padre, com vergonha.» Dá serventia nas casas onde a ocupam, esta honrada mulher, que, para maior glória, é viúva e tem mais filhos. A gente sente-se pequenino diante da grandeza de mulheres assim; e acredita infinitamente mais na virtude heróica que não se queixa do que na piedade falsa que por tudo faz beicinho. São *mulherzinhas* de chapéu, de manta e de lenço, que somente cuidam em salvar a sua alma sem se lhes dar da dos mais; e gostam de mendigar, com lágrimas em seus olhos, as simpatias da gente. Mentira!

A Piedade verdadeira não tem lágrimas. Cristo Jesus nunca chorou. Se o fez em Naim ou em Betânia, foi por causa dos Outros, que não por Si. E o Evangelista diz-nos que Ele firmara o semblante direitinho à Cruz. O Apóstolo das Gentes que piedosamente chorava ao despedir-se dos irmãos, por amor deles, sabia-lhes dizer na face, resistindo a conselhos amigos, que não queria fugir aos perigos nem à morte — e firmava o semblante direito a Jerusalém. Piedade!

SENHOR dos Céus, Justo Juiz que vem pedir contas à gente segundo o dom que nos fez — ele pode haver muito mais santidade na canastra da sardinha daquela mulher que a vende, ao tempo, com um filho no colo e outro no ventre, do que nas páginas douradas de muito livro piedoso! Sim; a piedade verdadeira não é um sentimento; é antes uma força interior. É um dom do Espírito Santo que nos leva a arrostar a vida tal qual nos vem ter e a suportá-la sozinho, em silêncio, semblante firmado ao Dever, com olhos postos na Cruz! Ai que ele é tão doce dizer que se ama a Deus quando as coisas deslizam sem arestas! Tão fácil ser-se piegas e chamar-se piedoso!

Amor do Pobre pela sorte do Pobre toca as raíais da santidade. Um dia, vi-me nas ruas da Baixa, aflito, com um recém-nascido nas mãos. Logo acode uma viúva com sete filhos, um de peito, que perdera ontem o marido.

— Ó mulher, você não pode!

— Posso, que tenho dois peitos!

Se eu batesse à porta do teu palácio, dizias-me que não — e tens capela lá dentro!

*P. Américo!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

# Malanje dia-a-dia

## Campanha das chapas

Velho Pascoal disse-me, convicto: «*Vá pelos tijolos da escola. Não vão servir mais. Só ficámos oito famílias. Não voltamos mais.*» Isto entristeceu-me. Quase todos os velhos e muitas crianças morreram devido a carências alimentares. Os mais jovens já não sabem viver em sanzalas. Além disso, um grande número delas estão reduzidas a frágeis muros de adobes que vão caindo. Não ficará um sinal.

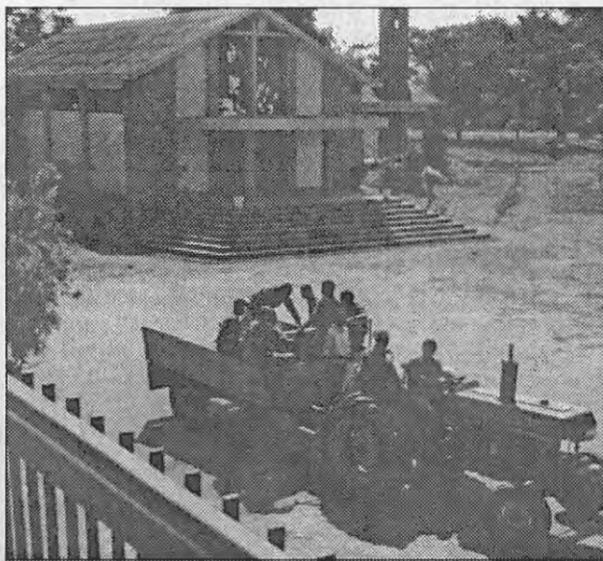
Outras, porém, estão dando sinais de vida: Fazem-se os adobes e a reconstrução começa. Surge, agora, um espinho que começa a doer...: o problema das chapas para a cobertura.

Como sobrantes na cidade a viverem em casas alugadas ou bairros provisórios, são um grande grupo que se sente a «mais» e começa a sentir a nostalgia da sanzala-mãe. Ainda bem!

E chapas de zinco? Precisamente, as chapas: as organizações ainda não viram; o Estado, por ora, mantém o seu silêncio; e eles não têm poder de compra. Dá a impressão de estes grupos sobrares mesmo.

Aqui e agora a campanha das chapas. Só uma não vai afectar o teu orçamento. Será antes um agasalho de alma.

Vamos começar a pôr alguns telhados.



Outra vista da Casa do Gaiato de Malanje

## Pobres a mais

Em qualquer nação os Pobres estão sempre a mais. Muito longe dos progressos da técnica, da sabedoria das universidades, do aconchego das lareiras, da fartura do pão e até, em tantos lugares, das comunidades cristãs, eles vivem para além do muro, invisível embora, em terríveis guetos.

Não é fácil saltar o muro e sentir como eles... Nada fácil!

Nem sempre o que se dá, o que se fala e o que se faz entra na alma dessas comunidades sobrantes... Tantas vezes, somente flocos de algodão bailando no ar.

Mais difícil ainda — quando raças diferentes e

lonjuras enormes de culturas.

## Refugiados

«Um antro de tortulhos!» — disse-me um sacerdote depois de ir a um centro de refugiados dar a comunhão a uma doente.

Esta, num canto do sujo compartimento, estendida no seu luando amarelado. De volta, alguns luandos no chão; outros, encostados às paredes enegrecidas.

Dá impressão que ninguém conta com este numeroso grupo de refugiados que aqui caíu... sobrantes!

Indiferente, em tantos lugares da Terra, a máquina da guerra continua a esmagar corpos e almas... Almas esfrangalhadas que só a muito custo conseguem ainda sustentar em suas mãos débeis a bandeira da Esperança.

Padre Telmo

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto: 73.600 exemplares.

# Património dos Pobres

## As velharias arruinam-se mais

Passámos uns dias à beira-mar, em nova vila piscatória. No passeio fisioterapêutico de todos os dias andámos por ruas, vielas e becos sem saída.

Por entre novos e grandes edifícios, grandes na superfície que ocupam e na altura a que se elevam, mingam habitações com muita história.

Num dos becos encontrámos a *ti* Deolinda, à porta do seu casebre, construído de adobes antigos e parte com tábuas velhas. Nunca foi retocado nem caiado. As rachas nas paredes metem medo. No pedacinho de terra ela ainda cultiva flores!

À nossa admiração de ainda ali viver, a *ti* Deolinda respondeu: — *Já tenho noventa anos. Aqui nasci e aqui tenho vivido. Não tenho outro remédio.*

Ela é mulher de paz. Sempre foi zeladora da capela da sua terra.

Dali seguimos para outro beco. Vinha a sair de sua barraca o João, a quem matámos a fome muitas vezes, a ele e aos irmãos. Diante do nosso espanto pela miséria do ambiente, declarou: — *Esta barraca já era do meu sogro. Ele aqui nasceu e aqui viveu. Agora vivemos nós. Cá nos arranjamos. A barraca já deve ter cem anos.*

Ao lado, uma mulher nova, rodeada de filhos, chamou a nossa atenção, com sua voz sonante e cara alegre de tristeza: — *Tirem também uma fotografia à minha casinha e ponham no jornal, a ver se nos dão*



A *ti* Deolinda, com 90 anos, já aqui nasceu e cá vive.

*uma. Aqui, vivemos afundados por estas casas novas. Ouvimos o recado.*

Tomámos a rua em frente e seguimos avenida acima. Passadas umas centenas de metros encontrámos nova rua. Nesta, um pequenino muro veda o terreiro. A cancela de acesso está trancada. Chamámos e, da abertura do pequeno casebre, apareceu um pequenito. Às nossas perguntas respondeu com certo acanhamento: — *Vivemos aqui, os meus pais e quatro irmãos. Duas irmãs ainda são pequeninas.*

À nossa angústia perguntando se gostam de ali viver, respondeu com um encolher de ombros. Sinal de apoio ao deixar correr a vida de muita gente.

Nesta longa manhã, na despedida, o fotógrafo que

nos acompanhou desabafava, com tristeza: — *Vivo aqui há tantos anos e não pensava que houvesse tanta miséria!*

Informaram que a Junta daquela freguesia tem feito muitos e bons melhoramentos. Deus guie os seus autarcas para que ponham mãos e alma ao serviço da habitação dos Pobres.

Quando ao fim do dia entro na igreja da terra para concelebrar com os cristãos a Eucaristia, igreja ampla e bela, parece-me que as vigas de cimento são mais pesadas e as colunas não aguentam com o peso das nossas misérias. É a minha sugestão. Na igreja todos nos sentimos iguais e até nos chamamos irmãos. Mas, muitas vezes, só na igreja...

Padre Horácio

# Calvário

## Repensar novas estratégias de cura ou alívio das maleitas

A medicação é a utilização de fármacos para prevenir ou combater a doença.

Se a doença existe é necessário combatê-la; se ela pode surgir, deve prevenir-se e, deste modo, a medicação é igualmente necessária.

Contudo, a dose terá de ser aplicada sem exagero. Mas isto nem sempre sucede. E cria-se muitas vezes a dependência. Muitos vivem angustiados quando, habituados, não

dispõem das doses que vêm ingerindo.

E há tantos angustiados desnecessariamente, quer pela falta de esclarecimento ou por comodidade de quem receita ou utiliza ou aplica aos outros e ainda em resultado do ambiente em que vivem.

O Lopes veio do hospital com doze comprimidos diários, cuja finalidade era provocar sonolência, tranquilidade. Não quero meter foice em seara alheia, mas no hospital o clima impõe medicação seja por necessidade absoluta, seja por força da rotina ou, ainda, pela exigência do ar que ali se respira, a par daquela medicação indispensável

imposta pelo mal que ali levou o doente.

Este homem depois de o seu estado ser declarado crónico e, portanto, precisar de outro sítio para manutenção da sua incapacidade, ali ficou meses seguidos, por não ter ninguém de família nem instituição que o recebesse. Viviam naturalmente perturbado. Carecia de algo que lhe fizesse esquecer o viver, que o adormecesse.

Veio para nossa Casa e da dúzia de comprimidos diários passou a dois, imprescindíveis.

Está feliz e alegre. Dorme perfeitamente. Comprimidos para quê? O clima da nossa Casa fê-lo dispensar

tão exagerada medicação. E eis um homem livre de fármacos.

A paz e a segurança correram com a dependência a que estava sujeito. Há que repensar naturalmente em novas estratégias de cura ou alívio das maleitas que vêm caindo sobre os homens.

Padre Baptista

## Moçambique

Continuação da página 1

vezes, é ocasião para dar graças a Deus pelo caminho andado. O desgaste faz-se sentir, mas não o desânimo. A vida transmite-se, não se perde. Se para alguns, por vezes, julgamos que foi em vão, a felicidade de servir a Deus, servindo-os, aumenta pelo retorno dos filhos pródigos. Como Deus é tão presente, actua para além de tudo o que não merecemos, embora ousemos pedir! A Ele a glória e o louvor pelo que a Obra da Rua, aqui, já é em Seu Nome.

Padre José Maria

## PENSAMENTO

Onde imperar a senhora justiça, aí a perfeição dos actos. A justiça é uma força imanente e permanente.

PAT AMÉRICO

# VISTAS DE DENTRO

## Testemunhos de carinho familiar

SE as areias da praia falassem, revelariam cenas da alma de muitos dos nossos que por lá passaram.

Este ano maravilhámos-nos com os testemunhos de carinho familiar dos nossos quatro irmãos: o Carlos com treze, o Ruizinho com vinte e dois meses e os outros dois com sete e oito anos.

A mãe ficou viúva aos trinta e três anos, com nove filhos, o mais velho com catorze. Muito cedo estas crianças, fechadas em casa, aprenderam a tomar conta umas das outras.

Em nossa casa o Ruizinho continua aos cuidados do Carlos — o Dé, como lhe chama. É um encanto ver o amor e o carinho que o Carlos tem pelo *mano mais novo*.

O Ruizinho é, graças a Deus, uma criança muito normal e encantadora. Recebe o carinho de todos, com naturalidade, mas a atenção do Carlos é a mais querida. Ele chama o Dé para tudo e o Dé está sempre pronto.

Admiro, sobretudo, os cuidados que ele tem com a limpeza do seu *menino*. Vezes sem conta, ao dia, pergunta ao irmão: — *Queres... cócô?* Se acena com a cabeça que sim, logo o leva e põe-no no bacio e fica junto dele. Depois, o banho e mudança da fralda. Se ele se suja na areia o Dé vai a casa, com o seu *menino* ao colo, lavá-lo e mudá-lo de roupa.

Pai Américo teve a inspiração de Deus para querer que a sua Obra tivesse

o espírito de família. É o grande timbre. Se não tivesse, era um mundo de aflições.

Tantas vezes, ao contemplarmos a nossa vida, descobrimos a causa de frustração das famílias vazias, sem filhos ou com eles por grande conta, sem frutos do seu amor que fazem o cerne da união!

Cada vez acreditamos mais no encanto que são as crianças ao cuidado dos irmãos. É o espelho onde vemos a nossa vida. Todos querem em seus braços as mãezinhas dos mais pequeninos.

Padre Horácio

# Panaceias

Continuação da página 1

da parábola do Bom Samaritano. Este levou o prostrado à beira do caminho à estalagem mais próxima; deixou duas moedas e ordem de o tratarem, que mais tarde voltaria ali a pagar o mais que fosse necessário gastar. Então, naturalmente, o caído, agora curado de suas feridas, já nem estaria lá. Fora à sua vida.

É esta a solidariedade inteligente e respeitadora da dignidade do Outro. Produzir encostados — não. Levantar caídos e restituí-los à sua capacidade de andarem por si — eis a Caridade fraterna que os homens se devem uns aos outros.

Padre Carlos



Casamento da Helena e do Alfredo Gonçalves, que vivem em Vila Real, de Trás-os-Montes.